



Programa de formação feminismo e agroecologia: cultivando sementes da agroecologia na Zona da Mata mineira.

Feminism and Agroecology Training Program: cultivating seeds of agroecology in the Zona da Mata of Minas Gerais.

CAMPOS, Alessandra Bernardes Faria¹; TELLES; Liliam²; CASTRO, Nayara Lopes³; MARQUES, Emiliana Maria Diniz⁴, CARDOSO, Roberta da Silva Leite⁵;

¹PPGE/UFOP – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto; CTAZM – Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, alessandra.faria@aluno.ufop.edu.br;

² PPGER/UFV – Programa de Pós Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa; CTAZM – Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, liliam.telles13@gmail.com;

³ Engenheira Agrônoma, técnica no Centro de Tecnologia Alternativas da Zona da Mata Mineira(CTA/ZM), nayara.castro@cta.br; ⁴DPE/UFV - Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa, CES/FEUC - Centro de Ciências Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, emiliana@ufv.br; ⁵CTA-ZM - Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, roberta@ctazm.org.br

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Juventudes e Agroecologia

Resumo: Neste trabalho apresentamos e analisamos a experiência do Programa de Formação Feminismo e Agroecologia (PFFA), realizado no primeiro semestre de 2023. O programa se destinou à formação de jovens mulheres agricultoras, quilombolas e militantes de movimentos sociais do campo e tem como objetivo potencializar a presença dessas sujeitas nos coletivos populares do campo na Zona da Mata mineira. A formação emerge da demanda do Movimento de Mulheres da Zona da Mata e Leste de Minas Gerais (MMZML), sendo realizada em diálogo com este movimento e outras organizações parceiras. Neste texto, apresentamos a história, os objetivos e a construção do PFFA, debatendo seus principais pressupostos teórico-político-metodológicos: o Feminismo, a Agroecologia e a Educação Popular, numa perspectiva feminista. Ao final, partilhamos e refletimos algumas aprendizagens em processo no tocante à formação de jovens mulheres para a militância camponesa.

Palavras-Chave: juventudes do campo; educação popular; feminismo; agroecologia.

Introdução

A luta das mulheres do campo e da cidade, jovens e adultas, em sua diversidade racial, sexual e de classe, é secular. Lutando contra todas as opressões (KOROL, 2007), as escalas sobre as quais incidem sua ação política e os caminhos construídos para resistir, para existir, são muitos. Em uma sociedade colonial, portanto, hegemonicamente capitalista, patriarcal e racista, na qual estamos inseridas/os, desnaturalizar o que é produzido como natural, problematizar e romper com pensamentos e práticas que nos oprimem, mas que são tidas como normais, exige um esforço de transformação das formas de *estar sendo* no mundo (FREIRE, 2019). Vários são os atores sociais que operam no sentido de promover desaprendizagens coloniais (WALSH, 2017), bem como gerar aprendizagens



emancipadoras, como explicita a literatura sobre movimentos sociais e educação (ARROYO, 2012; GOMES, 2017).

Aqui apresentamos e analisamos a experiência do Programa de Formação Feminismo e Agroecologia, o PFFA, realizado no primeiro semestre de 2023, destinado à formação política de jovens mulheres, agricultoras familiares, quilombolas e militantes de movimentos sociais do campo. O PFFA teve como objetivo central potencializar a presença das jovens como sujeitos políticos nas organizações e movimentos sindicais e sociais na Zona da Mata mineira. Sua construção foi coordenada pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM), em parceria com organizações e movimentos sindicais e sociais do território, bem como com a Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Viçosa (LICENA/UFV).

A formação, em formato itinerante, contou com três encontros presenciais nos municípios de Acaiaca, Simonésia e Viçosa-MG, cada um com um tema, quais sejam: identidades; territórios; e autonomia pessoal, política e econômica. A seguir, de forma reflexiva e analítica, apresentamos a metodologia para a produção deste texto, bem como os referenciais teórico-político-metodológicos que orientaram o PFFA – o Feminismo, a Agroecologia e a Educação Popular – e algumas aprendizagens no trabalho com jovens mulheres do campo nesse percurso formativo.

Metodologia

As reflexões deste texto têm como referência a pesquisa-ação (BARBIER, 2022), pesquisa de caráter militante, que visa contribuir com a mudança social de cunho popular, apoiando e criando condições para a formação e organização do povo, em nosso caso, das jovens mulheres do campo e das organizações pelas quais foram indicadas para participar da formação. As questões de pesquisa, as metodologias, a avaliação do processo e os rumos a seguir, foram construídos pelas técnicas de assessoria do CTA-ZM e pesquisadoras junto dos coletivos envolvidos no PFFA.

A direção foi produzir espaços para formação de militância destinada à jovens mulheres indicadas por organizações do campo, perspectivados pela Agroecologia e pelo Feminismo, num viés popular, anticapitalista, antirracista, portanto, decolonial. Amparadas por esta postura diante da construção do conhecimento, partimos da experiência concreta de vida das participantes para a co-produção de um conhecimento vivo, crítico e emancipador, junto com mulheres e a partir das mulheres.

Nessa direção, partimos da construção de *comunidades de aprendizagem* (HOOKS, 2013), espaços acolhedores e seguros para partilhas íntimas das mulheres, nos



valendo de instrumentos que primam pela horizontalidade e coletividade na circulação e produção de novos saberes. Também como instrumento importante para nossas reflexões, e alimento para nossa ação, está a realização de constantes e distintas avaliações, em vários níveis e com diferentes atores envolvidos no PFFA. Processual e coletivamente, lançamos percepções sobre nossas aprendizagens e produzimos elementos para a construção de caminhos a seguir.

Resultados e Discussão

Guardada a importância do direito à educação escolar, sobremaneira quando se trata de juventudes, partimos de uma compreensão de que a educação vai além da escola e que sua direção deve ser subsidiar a transformação social numa perspectiva popular, anticapitalista, feminista, antirracista e antiLBTQIA+fóbica (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros, travestis, queer, intersexo, assexual, demais orientações sexuais e identidades de gênero). Estes pressupostos orientaram o desenho teórico-político-ético-metodológico do PFFA. A partir dos lugares sociais que ocupamos e da sociedade e do campo que construímos ativamente, tomamos como matrizes para a formação com as jovens vinculadas à organizações do campo, a Educação Popular, o Feminismo, a Agroecologia e a Pedagogia da Alternância.

A proposta de um programa de formação com jovens mulheres e seus primeiros elementos constitutivos são formulados em diálogos com o Movimento de Mulheres da Zona da Mata de Leste de Minas Gerais (MMZML). Trata-se de um movimento criado em 2011, em estreita vinculação com o movimento sindical e composto por trabalhadoras rurais representantes de 15 municípios. Em reunião, as mulheres apresentaram a necessidade de renovação dos quadros das organizações camponesas. Como apresentado no Caderno das Participantes, um dos instrumentos utilizados na formação com as jovens, acompanhando as lutas populares da região, o PFFA foi construído também no diálogo com o movimento quilombola, indígena e de enfrentamento à mineração.

Entre as 34 inscritas (entre jovens e mulheres mais velhas responsáveis por acompanhá-las nos encontros) estão mulheres indicadas por nove organizações: três Sindicatos de Trabalhadores/as Rurais (de Espera Feliz, de Santana do Manhuaçu e de Simonésia), duas Escolas Família Agrícola (EFA Paulo Freire, de Acaiaca e EFA Margarida Alves, de Simonésia), quatro movimentos sociais e redes (o MMZML, a Rede de Saberes dos Povos Quilombolas (SAPOQUI), o Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM) e a Comissão Regional de Enfrentamento à Mineração da Serra do Brigadeiro).



Para conhecer o perfil das inscritas foi enviado um questionário digital que apontou grande diversidade geracional, com idades variando de 12 a 52 anos. Tal amplitude geracional se explica pelo fato de algumas organizações indicarem mulheres mais velhas, responsáveis por acompanhar as jovens no PFFA. No entanto, também se relaciona à dificuldade de localizar mulheres jovens, perfil geracional indicado para integrar o programa de formação, como no caso da SAPOQUI. Apesar disso, das 34 jovens participantes, 14 são menores de 20 anos e 10 têm entre 20 e 30 anos. Quanto à autodeclaração de cor e raça, 13 se declararam pretas, 12 pardas e 8 brancas. No que se refere às identidades étnicas, 14 mulheres se identificam como quilombolas e 2 como indígenas. Com relação a orientação sexual, três jovens são bissexuais, uma é pansexual, uma é lésbica, quatro preferiram não responder e a demais se declararam heterossexuais. Das 34 participantes, 20 já participavam de movimentos sociais, organizações, grupos culturais ou coletivos. Com exceção de uma participante, todas as demais declararam seguir uma religião, sendo dessas, apenas uma não-cristã. Quanto ao nível de escolaridade, 14 jovens possuem ensino médio incompleto, 9 possuem o ensino médio completo e outras 9 cursam o ensino superior. Portanto, quase 80% das participantes conseguiram finalizar o fundamental, um dado relevante diante dos enormes desafios da escolarização das juventudes do campo, sobretudo para mulheres e pessoas pertencentes à comunidades tradicionais.

No tocante aos pressupostos teórico-político-metodológicos do PFFA, amparadas pelo Feminismo e pela Agroecologia, em nosso percurso de formação, as abordagens e as metodologias foram alimentadas por um entendimento de que somos todas portadoras de conhecimentos e que nosso corpo inteiro precisa estar em movimento para aprender. Assim, exploramos as subjetividades e superamos abordagens centradas na racionalidade, tão recorrente em formas escolarizadas de circulação de conhecimentos. Exercitar nossa voz, expressar nossas percepções de mundo, nos movimentarmos pelo espaço, ouvirmos, com respeito e cuidado, umas às outras, construir juntas e partilhar reflexões sobre as realidades que temos e o que queremos como mulheres, como jovens, como militantes de coletivos populares do campo, em nossos diferentes lugares sociais, compuseram a prática educativa do PFFA.

Em conexão com o tema de cada módulo e recorrendo a metodologias diversas, provocamos as participantes a colocarem seus corpos e ideias em movimento, desvelando o machismo, o racismo, os preconceitos relativos à diversidade sexual em suas vidas pessoais e nas das companheiras. No PFFA, esse entendimento e prática se fizeram, tanto através da participação de atores políticos do campo popular nos encontros presenciais, quanto nas místicas, nas questões geradoras



propostas para os Círculos de Cultura, nas dinâmicas teatrais e demais metodologias utilizadas: o Rio da Vida do Território (HILLENKAMP org., 2022), o Mapeamento Feminista das denúncias e anúncios das jovens nos territórios da Zona da Mata e o Café com Memória [1].

Influenciadas pela Educação Popular (FREIRE, 1987) e pela Educação Popular Feminista (KOROL, 2007), nossa opção junto das participantes foi reconhecer as opressões específicas que nos afetam por sermos mulheres, incorporando uma perspectiva interseccional, ao compreender que os marcadores sociais de classe, raça, etnia, sexualidade e geração se sobrepõem produzindo diferentes níveis de opressão. Refletimos sobre os territórios, tomando consciência e organizando coletivamente as ameaças e partilhando as respostas, por meio da Agroecologia e do Feminismo.

Nesse sentido, nos valem da contribuição da Pedagogia da Alternância (SILVA, 2012), mobilizando a vida cotidiana das sujeitas em seu processo educativo. Também de forma importante, as conexões com os territórios foram produzidas nos Trabalhos de Tempo Comunidade (TTCs), pesquisas e ações a serem desenvolvidas pelas jovens junto das organizações políticas que as indicaram.

Conclusões

Ao responder a demanda concreta por renovação dos quadros apresentada pelo MMZML, no encontro com as jovens, “renovar” ganha novos sentidos. Como colocado de maneira sensível por uma companheira histórica desse movimento e expresso vigorosamente por parte das participantes do PFFA, não se trata somente da chegada de novas mulheres para seguir na luta, mas de renovar as ideias, a organização, as pautas e as metodologias dos próprios movimentos.

Em nossos encontros, superando o medo de falar publicamente, desvelando corajosamente as opressões vividas por elas próprias e construindo posturas solidárias frente a isso, as jovens ecoam suas vozes, movimentam seus corpos, afirmando-se como sujeitos políticos, desejosas e capazes de construir a luta popular camponesa.

Compondo esse quadro de renovação, temas como o combate ao machismo, ao racismo e as lutas LGBTQIA+, foram mobilizados recorrentemente pelas jovens, que evidenciam a necessidade de aprofundar estes debates no movimento agroecológico na Zona da Mata. Também ressaltamos a denúncia de parte das jovens relativo às interdições e desafios para a sua participação em organizações sociopolíticas, afirmando que as organizações “*não ouvem a voz do jovem*”, “*não aceitam a opinião do jovem, quando não concorda com as pessoas mais velhas e*



oprimem o jovem para concordar”, “são espaços que não atraem a juventude, na sua forma e na maneira de abordar as jovens”.

O PFFA, além de trazer elementos importantes para a formação política das jovens para a militância camponesa, tem aportado reflexões para as organizações, contribuindo para romper com estereótipos e construir formas de acolher as juventudes, fundamental para o futuro das organizações, mas também para seu momento presente.

Agradecimentos

Ao Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM), ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (PPGE/UFOP) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Referências bibliográficas

ARROYO, Miguel. Pedagogias em movimento: o que temos a aprender dos Movimentos Sociais?. **Currículo sem Fronteiras**, v.3, n.1, pp. 28-49, Jan/Jun, 2003.

BARBIER, Renée. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador**. Petrópolis: Vozes. 2017.

HILLENKAMP, Isabelle (org.). **Guia metodológico**. Disponível em: <https://gengibre.org/publicamos-nosso-guia-metodologico/> . Acesso em: 20 jul. 2022.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes. 2013.

KOROL, Cláudia. “**La educación como práctica de la libertad**”: nuevas lecturas posibles. KOROL, Cláudia (comp.). *Hacia una pedagogia feminista: géneros y educación popular*. Buenos Aires: El Colectivo, America Libre, 2007.

SILVA, Lourdes Helena. **As Experiências de Formação de Jovens do Campo: Alternância ou Alternâncias?** Curitiba: Editora CRV, 2012.

WALSH, Catherine. **Gritos, grietas y siembras de vida: Entretejeres de lo pedagógico y lo decolonial**. In.: WALSH, Catherine (org.) *Pedagogías decoloniales Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir/Tomo II*. Catherine Walsh Editora: Quito-Ecuador, 2017. P.17-48.



[1] O *Café com Memória* foi uma metodologia construída para o segundo módulo do PFFA. A partir da avaliação problematizadora da alimentação do primeiro encontro, em conexão com o tema do segundo módulo (territórios) e em coerência com a Agroecologia, provocamos as jovens a partilharem alimentos produzidos em suas famílias, comunidades, que tivessem um sentido de afeto, memórias, conexão com os territórios, conhecimentos e trabalho das mulheres. Como espaço educativo de grande potência, como avaliaram as participantes e organizadoras do PFFA. Mobilizadas pela pergunta geradora “Porque comer é um ato político?”, palavra de ordem do movimento agroecológico, a partilha do alimento, feito no café da manhã, era acompanhada pela partilha da história pela mulher que trouxe o alimento.